

**DO LADO DOS PROFESSORES: POSIÇÃO DE CAMPO E TOMADA DE
POSIÇÃO**

**FROM THE SIDE OF THE TEACHERS: POSITION BY FIELD AND TAKEN BY
POSITION**

RABELO, Clotenir Damasceno
clotenirdr@gmail.com

Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO Este trabalho é fruto de pesquisa empírica intitulada *Sentido e Lucro da Missão: Jogos simbólicos de prazer e dor na ação docente*, realizada no âmbito do Curso de Especialização em Formação de Professores, na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, nos anos de 2001-2002. É um recorte do conjunto da pesquisa, centrado na visão que os professores têm de sua profissão e de seu trabalho, relatando a ação desses agentes vista de sua posição no campo educacional. Tematiza a profissão docente, suas peculiaridades, suas condições de trabalho, seus sentidos e lucros, e nesse caso, toma como instrumento as produções pictográficas e relatos dos sujeitos envolvidos, para realizar a análise de tais objetos à luz de conceitos oriundos do pensamento sociológico de Pierre Bourdieu.

PALAVRAS CHAVES: Campo Educacional. Profissão Docente. Jogos Simbólicos. Sentido e Lucro. Prazer Simbólico. Dor Simbólica.

ABSTRACT This work is the result of research entitled *Sense and Profit of Mission: Games symbolic of pleasure and pain in teaching action*, performed in the course Specialization in Teacher Education at the University of Rio Grande do Norte, Brazil, in the years 2001-2002. It's a snip of the whole research, centered on the vision that teachers has about their profession and work, reporting the action of these agents vista of its position in the educational field. Thematises the teaching profession, their peculiarities, their working conditions, their senses and profits, and in this case, takes as tool the pictographic productions and statements of those involved, to perform the analysis of such objects beneath concepts from the sociological thought of Pierre Bourdieu.

KEYWORDS: Field Educational. Teaching Profession. Symbolic Games. Sense and Profit. Symbolic Pleasure. Symbolic Pain.

INTRODUÇÃO

A pesquisa da qual é integrante este ensaio é acerca da profissão docente e nasce de situações práticas dentro do que chamamos de exercício do magistério. É um estudo das situações de felicidade e prazer da profissão docente e das situações de tristeza e dor inerentes ao trabalho cotidiano do professor. Aborda a visão dos professores acerca de sua profissão, encarada de seu ponto de vista e da posição que ocupam no campo educacional, e procura descrever aspectos existentes na profissão docente que determinam posturas de aderência ou de indiferença. De um lado, analisa o sentido de estar numa profissão considerada prestigiosa, mas concretamente desprestigiada, caracterizada como de cunho missionário, de reduzidas condições materiais e de retornos econômicos ínfimos, onde se nega a possibilidade de lucros e, ainda assim, permanece-se nela. De outro, o que faz o professor perder o encantamento e o sentido de estar nesta atividade.

Para apreender o sentido e o lucro da profissão docente na visão dos professores e os jogos envolvidos nessa atividade, a pesquisa centra-se nas imagens da profissão docente, construídas e compartilhadas por 17 professores do ensino fundamental de uma escola pública no município de Icapuí, no Estado do Ceará. Discute os sentimentos de satisfação ou de indiferença frente ao exercício da docência, utilizando materiais de caráter pictográfico produzidos por professores – desenhos onde expressam sua visão particular da profissão docente – e suplementados com aplicação de questionários e análise de aspectos da trajetória profissional dos pesquisados em seus memoriais de formação. O estudo toma como aporte teórico as noções conceituais de campo simbólico e posições, bens simbólicos, ato e interesse, libido e *habitus*, lucro simbólico e jogos simbólicos, inerentes ao conjunto teórico do pensamento sociológico de Pierre Bourdieu com o qual o diálogo se torna mais intenso.

Assim, analisa os relatos pictóricos como portadores de sistemas de classificação, de disposições compartilhadas pelos professores, de opiniões, de pontos de vistas e estruturas de pensamentos ocultos em coisas simples e corriqueiras. Trata os dados a partir de um referencial voltado a apreender as particularidades de situações do mundo social e revelar os fundamentos ocultos de uma realidade. A análise volta-se para as ideias de *prazer simbólico* e *dor simbólica*

oriundas da profissão exercida, dos seus cotidianos em sala de aula e de sua realidade concreta.

Do conjunto mais amplo da pesquisa, esse artigo em particular, apresenta reflexões sobre imagens construídas pelos professores acerca de seu trabalho e profissão por meio de um recorte no qual faz um exame teórico do que significa olhar a profissão do ponto de vista dos docentes. A partir disso, descreve e analisa os elementos presentes nos relatos pictográficos utilizados na pesquisa, como se vê no texto que segue.

2 VER DA POSIÇÃO NO CAMPO: A PERCEPÇÃO DA PROFISSÃO E DO TRABALHO PELOS DOCENTES E SUAS OPOSIÇÕES

O processo mais inclinado ao sucesso na apreensão da lógica profunda do mundo social é o feito numa atitude de imersão nas particularidades de uma realidade empírica, o que parece pertinente para o objetivo desta pesquisa, qual seja, o de explicitar as particularidades da percepção da profissão docente pelos próprios professores e os jogos simbólicos de encanto (prazer) e de desencanto (dor) sentidos por eles, que vivenciam o exercício da docência (BOURDIEU, 1996).

Ver da posição dos professores como agentes tem o poder de apanhar a particularidade desse modo de ver, com os dispositivos que eles utilizam para traduzir sua posição e sua condição, em total aderência ou em explícita desilusão (no sentido etimológico da palavra). A aderência ou desapego com a profissão é uma reflexão que faremos mais à frente. Importa, agora, pensar na construção coletiva da visão a partir do subcampo da profissão docente.

Essa tentativa se expressa, nesta pesquisa, como uma leitura do que vem se chamando “relatos pictográficos” construídos por professores de ensino fundamental, acerca de suas ideias sobre a profissão docente. Está expresso no que foram capazes de representar com gravuras e desenhos espontâneos, acerca de seus sentimentos, pensamentos, imagens historicamente construídas no cotidiano da profissão. As gravuras são simbólicas, metafóricas, reveladoras das visões ocultas dos professores, da figura pessoal e profissional (do agente) presente no campo. Esse modo de ver goza de legitimidade porque é uma visão incorporada do

campo, movida por certa cumplicidade entre os agentes, aceita por todos, reconhecida e consagrada. Tem-se, aqui, a força da distribuição ou transferência do capital simbólico, como uma força mágica assumida por todos, posto que a existência de uma visão da profissão docente pelos professores é uma visão conhecida e reconhecida por todos.

O que se oculta nas gravuras e na descrição dos professores, traduzindo sua visão das condições inerentes à profissão tem, indubitavelmente, sentido numa visão assumida pelos professores, originada no espaço social ao qual estão presos, como sua realidade primeira e última, de onde se estabelece sua visão, e que tem razão de ser na forma da distribuição do capital específico. Para Bourdieu (1996), nesse espaço social de distribuição de capitais de diferentes tipos, este mesmo espaço é quem comanda as representações existentes neles e as tomadas de posição. Inclusive, comanda também as representações dos agentes sociais sobre o próprio espaço.

“De uma perspectiva definida em sua forma e seu conteúdo pela posição a partir da qual é assumida” (BOURDIEU, 1996, p. 27), a fala dos professores nos relatos e nas formas pictóricas e simbólicas usadas nesta pesquisa para relatar suas condições são falas reveladoras do que está mais latente no exercício do magistério. São expressões práticas da profissão, de um ponto de vista que, para quem não está no campo, parece sem sentido, porque só terá esse sentido para quem está mais próximo, para espaços mais próximos, para agentes mais próximos. Falar de proximidade no espaço é também falar de distâncias nos polos do campo. É, provavelmente, neste sentido que se pode dizer que a descrição dos professores só se dá dessa forma por conta dessa posição e as interpretações diferentes da profissão, por parte até de polos dominantes do campo, só se dão dessa forma por uma ausência de afinidades, de proximidades, por total ausência de predisposições para esta aproximação, por conta da diferença nas propriedades, nas disposições, nos gostos dos agentes. Por essa razão, é fundamental acentuar que a visão da profissão docente pelos professores na pesquisa prende-se ao que está posto no espaço social que eles ocupam, ele é seu referencial, o seu ‘mirante’, é também o chão onde seus pés pisam. Não é uma compreensão de espaço com referências geográficas, métricas, de nacionalidade ou grupos sociais e classes, mas de posições no campo e de tomadas de posições.

Neste caso, não se pode dizer que existe uma compreensão do jeito dos docentes sentirem e verem sua profissão por parte dos dirigentes e técnicos de educação. Essa é uma hipótese que marca a relação da posição dominada dos professores no campo educacional e sua visão. Existem tentativas, mas o encontro entre professores, ocupantes de uma posição dominada, e outros setores do campo educacional, ocupantes de uma posição dominante, a possibilidade de convergência no jeito de ver a profissão entre ambos, parece, senão impossível, pelo menos distante. De fato, a proximidade no espaço social não significa automática unidade no campo (BOURDIEU, 1996, p. 25). E mesmo constituintes de um mesmo campo, o campo educacional, estamos falando de posições diferentes, econômicas, políticas, sociais, entre professores e outros agentes do campo educacional. Nestas condições, podemos considerar a existência de uma luta interna, especialmente nas relações com dirigentes e técnicos de educação.

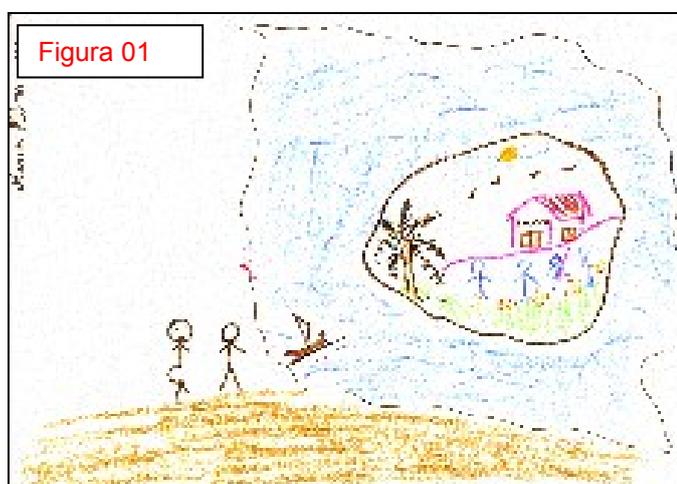
“Portanto, é preciso construir o espaço social como uma estrutura de posições diferenciadas, definidas, em cada caso, pelo lugar que ocupam na distribuição de um tipo específico de capital” (BOURDIEU, 1996, p. 27). É tratando dessa situação de estarem cercados pelo campo – que engloba, envolve e determina – que os professores externam uma visão assumida da sua profissão e diferem dos outros pontos de vistas. Assim, o que aparece como pacífico e natural nas relações no interior do campo educacional esconde um conflito de modos de ver, de interesses que determinam essa possibilidade de ver bem ou de trocar de posições para olhar com os olhos que o outro tem, do seu lugar. Ver da posição dos professores é considerar estes elementos distintivos do modo de ver desses agentes como mais dignos de análise e reflexão. Os elementos distintivos em questão são discutidos e refletidos, neste estudo, nos moldes do tópico a seguir.

2.1 Pictóricos e simbólicos: elementos distintivos da posição ocupada e das condições inerentes à profissão

Na busca de elementos distintivos e das condições inerentes à profissão docente, incorporados no modo de ver dos professores a partir de sua posição no campo, o uso original de gravuras, desenhos, imagens para traduzir esse ver escondido, invisível, é utilizado para pictografar esses dispositivos e imagens, muitas

vezes inconscientes. Segundo Machado (1995), numa referência ao que ele chama de 'competência pictórica' adquirida desde a infância, os recursos pictóricos são fundamentais para a comunicação e para a expressão dos sentimentos, constituindo-se, ao longo da vida, como um instrumento de fundamental importância quase sempre subestimado. Para uma análise desse modo de ver da posição foi útil à pesquisa trabalhar com gravuras, como antes citado, e descrever tais imagens produzidas pelos professores envolvidos, a partir da motivação inicial com vistas à externalização e produção da ideia que estes têm da profissão docente. Para melhor entendimento, foi necessário, a partir do relato e reflexão que estes fizeram com base em seus desenhos, criar um título sugestivo para cada gravura, aproveitando os traços expressos nelas. A descrição que segue é o registro dos materiais pictográficos produzidos na pesquisa utilizando a descrição, tanto real quanto simbólica, apresentada pelos professores.

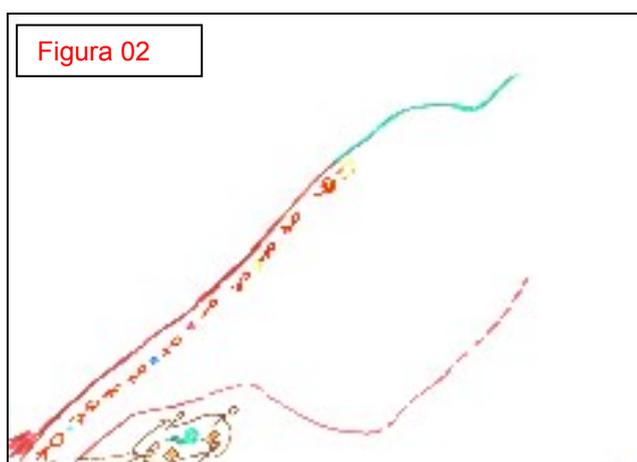
Figura 01: De fora da ilha



Para a visão da figura 1, a escola é um espaço muito bonito, cheio de vida (prédio com plantas, sol aberto, flores, chão verde, nuvens e pássaros), mas é uma ilha (linha circulando e o azul representando a água ao redor), de acesso difícil (barco para atravessar), distante dos professores (bonecos fora do círculo azul). Eles tentam chegar à ilha, mas não podem. Além do mais, são profissionais inseridos num espaço escuro, ruim, longe da escola, estão fora da ilha (chão de cor marrom), muitas vezes pelo cansaço, pelas dificuldades, e não sentem prazer no

que fazem. Estão lá muitas vezes coagidos. Os professores não sabem lidar com os alunos e com seus problemas, não se sentem grupo, preferem o individualismo que acaba por impedir os avanços.

Figura 02: Entre dois caminhos

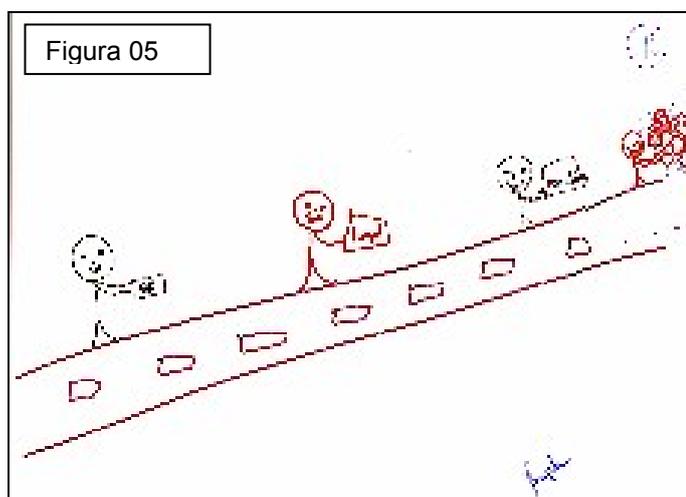


A descrição da figura 2 é simples. A professora viu a profissão como uma caminhada, e para isso marcou dois caminhos (linha ascendente acima e linha cheia de curvas abaixo): o primeiro, um caminho cheio de espinhos, com um trabalho iniciado em pequenos sítios, nas pequenas comunidades, no interior, sem preparação, mas junto ao povo, bastante prazeroso; é o caminho que a professora imaginava percorrer por uma opção de vida religiosa, (desenho de bonecos representando os passos da pessoa no caminho, a linha ascendente), e nele encontrou incertezas (símbolos azuis intercalando), gratificações (bolinhas amarelas), um trabalho bom (flores), mais seguro, garantido (flores e triângulos amarelos). O segundo caminho (a linha cheia de curvas) é o que a vida deu à professora: com curvas e pedras, um caminho incerto (linhas pontilhadas), no qual teve uma entrada cheia de dificuldades (desenho de grupo a redor de mesa, lembrando grupo de professores), mas um caminho em que, segundo relato, ela se sente mais segura, com os pés no chão.

Figura 03: A escada, o plantio e a colheita.

A gravura da figura 4 tem também duas partes, segundo a pessoa que a produziu. Na verdade, dois momentos históricos, duas etapas. Um, o começo da profissão (grupo de mãos dadas sobre um caminho e sobre eles o sol) e o segundo, a situação atual (uma espécie de túnel, balde, colorido, com palavras e interrogações). A primeira etapa lembra o começo das atividades, cheia de interrogações (sinais de interrogação), porém com uma tarefa, perspectiva, estrada a construir (caminho abaixo das pessoas, com interrogação), onde todos estavam juntos, unidos, com alegria, sonhos, querendo renovar (pessoas de mãos dadas, sorrindo); a segunda etapa lembra o momento atual, no começo colorido, ainda com o pé no chão (laranja e vermelho), também com incertezas, com vontade de acertar (azul). O curso universitário lembra um momento significativo (faixa colorida). Mas, tudo passa a ser uma escuridão (laterais pretas e funil preto, com interrogações), dificuldades, cansaço, desânimo, medo, descompasso, desânimo, desilusão.

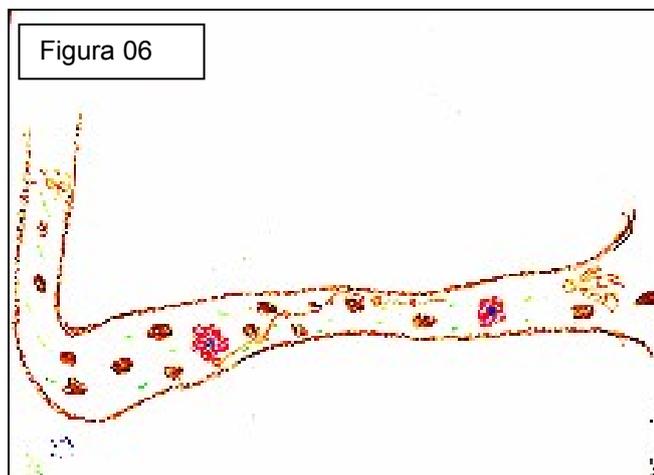
Figura 05: Caminho de quatro passos



A profissão aparece na figura 5 como um caminho. A professora assim o descreve: uma longa caminhada, marcada pelo que você fez e o que vai fazer (caminho com traços e quatro bonecos com papel na mão e, no final, com flores). Para ela, nesse caminho, três coisas são fundamentais e definem a profissão (três primeiros bonecos). São elas: ter vocação para o magistério (primeiro boneco com OK!), responsabilidade com o que faz e com a profissão (segundo boneco com LEGAL!) e, ao lado disso, ter compromisso com a missão que recebeu (terceiro

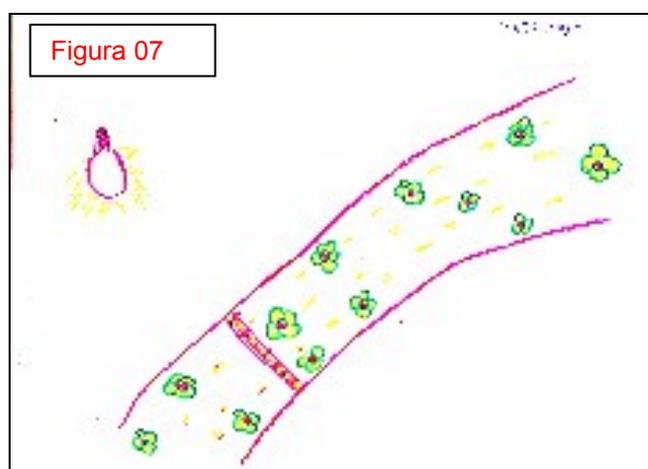
boneco com PARABÉNS!). O professor, tendo estes três elementos, com certeza pode almejar flores na profissão no final da caminhada (quarto boneco com flores).

Figura 06: Mais pedras que flores



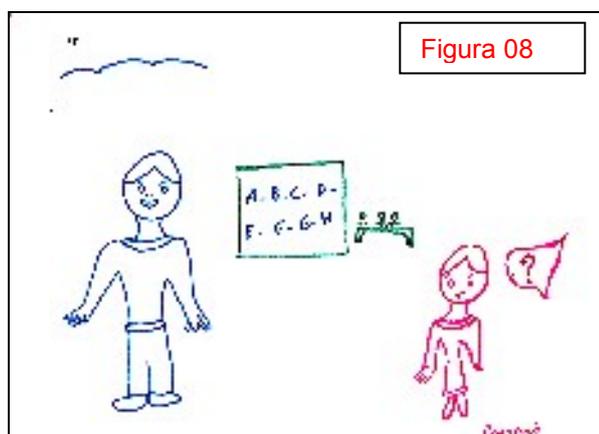
A descrição da gravura da figura 6, de acordo com relato de pesquisa, diz que a profissão docente é um caminho tortuoso, onde há sempre mais pedras que flores, aliás, poucas flores (caminho com algumas flores e várias pedras). Uma profissão onde a distância entre o professor e o aluno é sempre grande. O professor não consegue chegar ao aluno e atingi-lo (desenho de professor no começo do caminho e aluno no final). Além disso, neste caminho, é obrigado a 'engolir' muitas coisas sem dizer nada, aguentar coagido (as setas passando pelas pedras indicam isso). É uma situação que acaba por atrasar o trabalho, são espinhos prejudiciais.

Figura 07: Obstáculos e flores: em busca de luzes



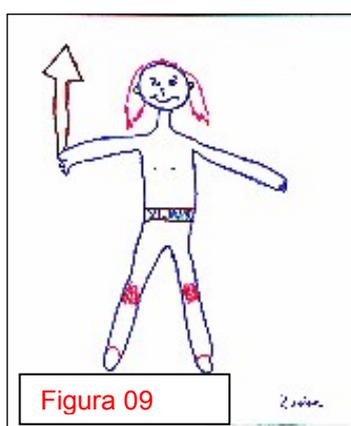
Para a professora que registrou suas ideias com a figura 7, a profissão docente é um caminho com obstáculos a serem ultrapassados (caminho e traço amarelo que representa um obstáculo como no hipismo). Neste caminho, há coisas boas (flores). Existe muito esforço para caminhar (pontilhados de amarelo no caminho). Mas, o que o professor está precisando mesmo é de luzes para caminhar (lâmpada acima do caminho).

Figura 08: Certezas e dúvidas da missão



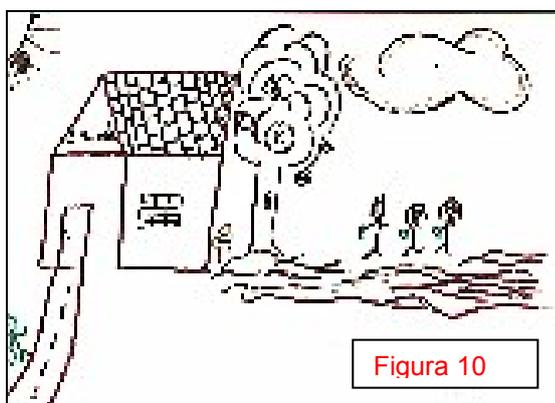
Em sua fala, a professora que fez a gravura da figura 8 destacou a existência de dois momentos em seu desenho. Um primeiro, na atividade de sala de aula com seus alunos, onde ocorrem situações gratificantes que proporcionam satisfação (gravura de professora; quadro com letras e alunos). O outro momento é, para ela, o de momentos difíceis, onde aparecem muitas perguntas, dúvidas, e eles não sabem responder, ninguém responde (desenho com pessoa e interrogação ao lado).

Figura 09: À imagem de um super-herói



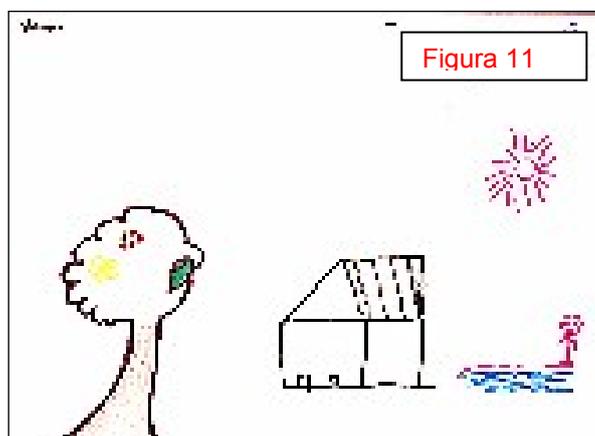
O professor é representado em sua profissão pela professora que fez a gravura da figura 9 como um HE-MAN. Um super-herói que, na luta entre o bem e o mal, põe-se do lado do bem e o bem sempre vence (armas e vestimentas). Para ela, o professor é igual a esse personagem. Tem muitos males, mas sempre vence. São heróis, perseverantes, e mesmo não tendo os resultados almejados, completos, lutam, continuam e, no final, vencem, pois conseguem superar as dificuldades.

Figura 10: Casa e escola: que relações?



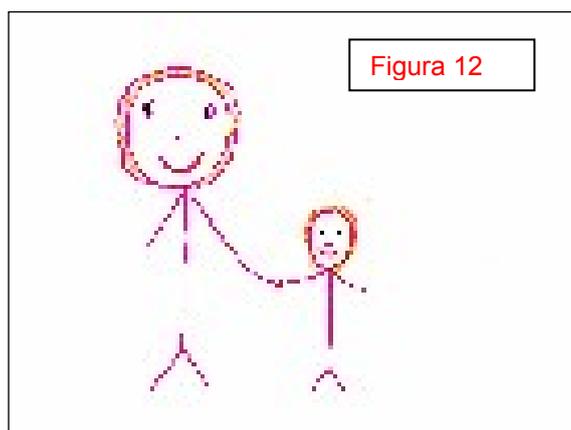
A descrição da profissão na figura 10 é citada pela professora numa comparação. Para ela, a escola é como o lar (casa com caminho, árvore, flores, frutos). Nela, os professores esperam felizes os alunos (desenho de professor no caminho). Os alunos chegam desinteressados (desenho de alunos caminhando), e o professor passa a dar aulas para alunos que não querem nada.

Figura 11: Semente plantada, frutos a colher



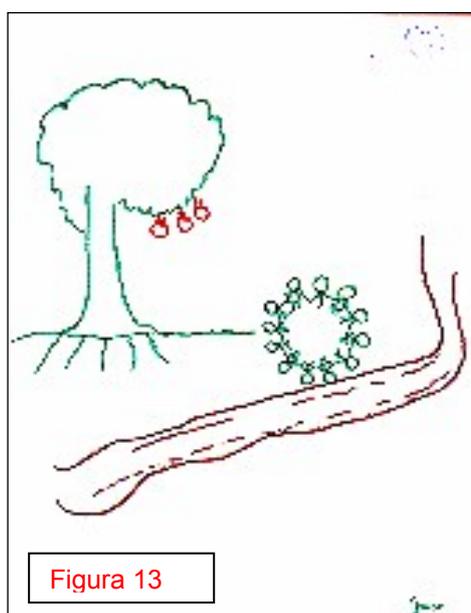
A descrição da figura 11, real e simbólica, foi muito rápida. A professora referiu-se à gravura e à profissão citando-as como uma planta, com frutos e semente (árvore ao lado), uma casa e um caminho (desenho de casa e caminho com pessoa). “E só!” (expressão da professora).

Figura 12: Pai-professor e mãe-professora



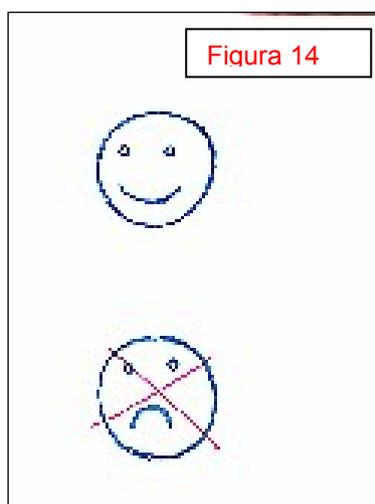
A profissão docente na ótica do relato da figura 12 é uma relação de pai-professor ou mãe-professora. Para a professora que desenvolveu essa ideia, o professor é um amigo, um pai, uma mãe, sempre de mãos dadas com o aluno (gravura de boneco).

Figura 13: À beira do caminho tinha uma árvore e um grupo



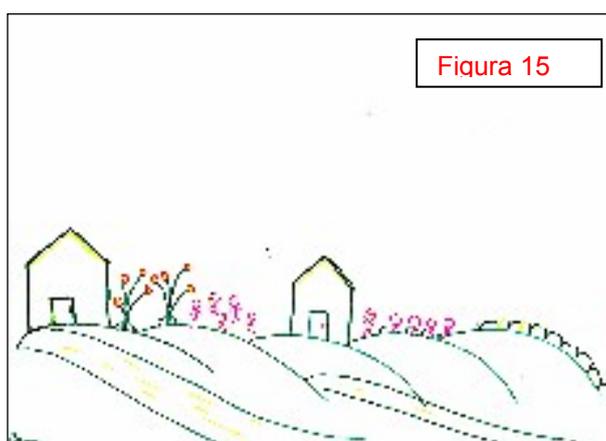
A professora que produziu a figura 13 referiu-se à profissão docente usando algumas figuras. Primeiro, a profissão é uma árvore que dá frutos bons ou maus, só depende da prática (árvores com frutos desenhados). Outro jeito de ver a profissão refere-se à vida de grupo, transmitindo saberes com todos (grupo de mãos dadas perto do desenho do caminho). E, por último, a ideia da profissão como um caminho (desenho de um caminho), com dificuldades e vitórias. Como fim, a professora retorna à ideia da árvore para citar que a profissão tem uma base, necessita agarrar-se a algo e esse algo é a valorização dos professores (desenho das raízes na árvore).

Figura 14: Duas faces



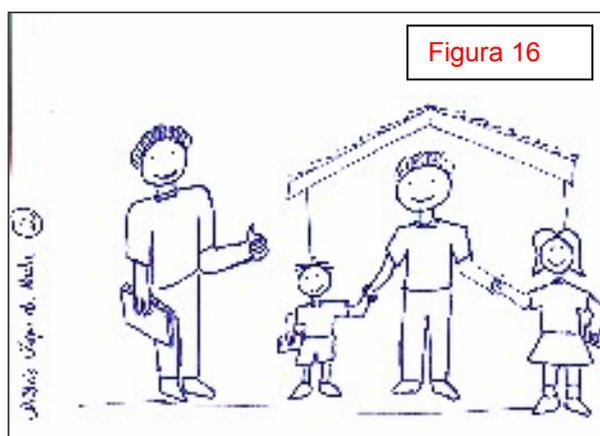
Essa descrição da professora na figura 14 é muito sintética. Para ela, a profissão lembra dois rostos, um chorando, triste (rosto de boca expressando tristeza), e outro sorrindo, alegre (rosto sorrindo). A professora cita que essas são as formas como os professores encaram a sua realidade.

Figura 15: Dois lugares distintos: casa e escola



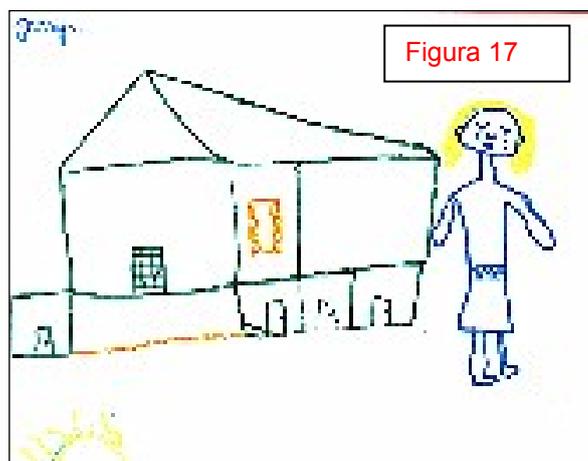
A figura 15, elaborada por uma professora, descreve a profissão colocando-a em dois lugares distintos: a casa e família e a escola e alunos (desenho com dois grupos de pessoas e duas casas separadas). Para ela, a presença e caminhada da família para a escola, ou vice-versa, é um longo percurso, cheio de obstáculos (morros com subidas e descidas).

Figura 16: Encontro necessário



A profissão docente, segundo a descrição da figura 16, só tem sentido com a presença da família. A relação professor e família, escola e família faz o sucesso do trabalho docente (desenho do professor com o gesto “LEGAL!” e a família de mãos dadas na escola). Segundo o professor ainda não é assim, mas é o que ele queria.

Figura 17: As três lágrimas



A compreensão de profissão docente da figura 17 é marcada pela ideia de abandono (desenho da professora do lado de fora da escola ao lado), de falta de ajuda (rosto sofrido da professora e três lágrimas em seus olhos), de necessidade, de socorro. São expressões da professora que fez o relato. Ela termina a descrição dizendo que o professor não tem valorização e, daí, as lágrimas.

3 OS SENTIDOS E OS LUCROS DA PROFISSÃO: JOGOS SIMBÓLICOS DE PRAZER E DOR NA AÇÃO DOCENTE

Conforme indicado anteriormente acerca da metodologia da pesquisa, a intenção de captar a visão dos professores sobre a profissão docente tem a intenção de uma análise de gravuras e de falas em busca dos elementos ocultos. O retrato traçado no item anterior tem a possibilidade de estar ou não transparente, e nossa pretensão é o de encontrar o invisível, de desvelar o não transparente, perscrutar as particularidades da realidade objetiva. Ora, o uso das gravuras, longe de ser apenas um desenho, tem suas razões de ser nesta pesquisa, seu sentido. Primeiro, as gravuras são espontâneas, são construções que traçam sem palavras, na maioria das vezes, uma ideia que está presa no inconsciente coletivo, compartilhado pelos professores no exercício de sua profissão, uma crença assumida pelo coletivo dos professores de forma quase mágica. Segundo, os desenhos acabam sendo cartas abertas que externalizam percursos, sentimentos, opiniões opacas, talvez por coerções externas de outros agentes no campo. Os desenhos são também oportunidades prazerosas de falar de si e de sua profissão, sem maiores constrangimentos.

Nos últimos tempos, algumas experiências de pesquisa com professores têm feito análises de práticas pedagógicas, de formação e ofício do docente (BUENO, 1998; ARROYO, 2000; PERRENOUD, 1993; 2001), das trajetórias dos professores na profissão (VILELA, 2001), do cotidiano do trabalho docente (NACARATO *et al*, 1998), carreiras e salários (GATTI, 2000), da profissão docente e suas crises (GIL VILLA, 1998), das competências e saberes (PERRENOUD, 2000), da história oral ou escrita de suas vidas e práticas (FONSECA, 1997), enfim, a vida e o ofício dos professores, estudos que vem apontando Nóvoa (1994) como um dos principais expoentes. No entanto, de acordo com Vilela (2001), apenas nas décadas

de 1980 e 1990 surgem pesquisas voltadas para o entendimento social e político do trabalho do professor, sempre perguntando sobre sua identidade e atuação profissional.

Mais preso a particularidades, como já se citou, a pretensão desta pesquisa segue estas intenções mais recentes de cunho sociológico. Instrumentos menores e sem grandes relevâncias para a tradição científica, os retratos traçados, a imagem e visão descrita nos desenhos dos professores podem esconder, ou revelar – essa é a tentativa – quais os jogos simbólicos de prazer e de dor da ação docente, em outras palavras, quais as razões de encantamento com uma profissão desvalorizada e desprestigiada. Pode trazer, igualmente, para a reflexão em curso, os sentidos que prendem os agentes do campo da educação e da profissão docente a esse jogo ou que, lenta e sorrateiramente, os põem fora.

No esforço de desvelar os sentidos ocultos nas imagens, este estudo toma o arcabouço teórico de Pierre Bourdieu e seus conceitos básicos como referências de diálogo e explicita descobertas significativas sob a visão dos professores acerca de sua profissão. Os itens que seguem são elementos de reflexão proporcionados por esse achado.

3.1 A dupla face da profissão docente: exclusão mútua ou coexistência de opostos?

A existência de uma forte ambiguidade na profissão ou em sua trajetória é um elemento expresso com intensa relevância nos desenhos. A possibilidade da ambiguidade e da convivência pacífica entre contrários é apresentada através de gravuras tipo rosto sorrindo e rosto chorando (figura 14), as pedras e flores do mesmo caminho (figura 6), a certeza e a dúvida (figura 8), o bem e o mal (figura 9), sorrisos e lágrimas (figura 3), entre outras expressões ligadas à existência de obstáculos e sua superação. São duas faces presentes na realidade da profissão, tanto na forma das condições materiais como simbólicas da atividade docente. “É preciso levar em conta essa dualidade”, afirma Bourdieu (1996, p. 167), para uma compreensão mais precisa da economia dos bens simbólicos.

Neste sentido, parece natural que essa realidade seja assim. Os professores compartilham certa “conformação” com uma profissão identificada como cheia de

dualidades, de aparentes contradições. Haveria assim uma cumplicidade desses agentes com essa condição, por força de uma violência simbólica, capaz de transfigurar a verdade objetiva das relações de dominação aí existentes, num trabalho de socialização, e fazer todos aceitar (BOURDIEU, 1996). Nesta realidade, as contradições não se excluem, pelo contrário, fazem parte de forma instituída das disposições e crenças dos professores. Numa expressão mais geral, e para fins de afinidade com os termos da pesquisa, talvez seja mais correto afirmar que a profissão é citada pelos professores como uma atividade que tem sido marcada por situações de prazer e dor, como inerentes a ela. Algo que faz parte e que está no *habitus* do professorado, coexistindo mutuamente.

3.2 Trabalho de recalque e certeza do retorno: o professor espera a retribuição da dádiva?

Uma segunda percepção dos professores revela o que é próprio de uma profissão do universo simbólico. Existem claras expressões de investimentos feitos no campo, expressões denotando doação incondicional e desinteressada pelo serviço realizado, que, no caso, é o exercício da profissão, como algo feito sem desejo de troca mútua. A profissão docente participa da economia dos bens simbólicos, como profissão do simbólico, mas sempre numa ação em que os professores, como agentes sociais, entram no jogo sem a intenção do cálculo consciente (BOURDIEU, 1996).

Do ponto de vista dos professores, há uma recusa de uma prática baseada no interesse pela retribuição, um silêncio que é compartilhado por todos, porque todos interiorizaram as regularidades do campo. Ainda que se diga da profissão desinteressada, esperam-se flores no final (figuras 2 e 5), almeja-se colher frutos (figuras 3, 11 e 13), elementos nitidamente reveladores de uma esperança de lucros, de retornos, embora não econômico, pelos esforços feitos por vocação (figura 5), por amor ou sentimentos maternos (figura 7, 10 e 12) indiretamente colocados nas gravuras.

Desta forma, os desenhos e relatos dos professores, embora revelando os esforços, a luta, o desejo de fazer, a dedicação (figuras 3, 6, 7, 8 e 12), “revela também o recurso às compensações simbólicas, num campo de escassos retornos

materiais” (PEREIRA, 2001, p. 69). No entanto, presos às disposições do campo, os professores parecem temer a explicitação de desejo de retribuição da dádiva oferecida (seu trabalho, sua dedicação, seus sofrimentos etc.) num exercício de trocas simbólicas.

3.3 A posição das famílias (pais e mães) na escola e a posição dos docentes: polos concorrentes ou agentes aproximados?

Com menos insistência e sem ligações imediatas, o olhar sobre a profissão docente para conectar o seu sucesso e resultados na ação à participação e parceria das famílias (figuras 10, 12, 15 e 16) é um elemento constitutivo da visão. Talvez não se possa falar de concorrência entre polos, dado que a presença de pais e mães dentro do campo mais amplo que é o educacional tem sua posição determinada, e conseqüentemente seu *habitus* e suas tomadas de posição. Como os professores, as famílias compõem, possivelmente, um subcampo a partir da visualização dos sistemas educacionais como um campo específico.

Neste sentido, é significativo localizar a posição dos pais e das mães, no que se refere à visão da profissão. Os docentes relatam a necessidade da presença e a realidade da ausência desses agentes como integrantes fundamentais do sistema. Ora, para Bourdieu (1996), as famílias são como corpos, que têm como base estratégias de reprodução, as estratégias educativas. Com base nisso, o seu investimento e interesse na educação escolar são proporcionais à importância de seu capital cultural e o peso de seu capital econômico. Daí, o interesse maior e mais insistente das famílias privilegiadas na dedicação à educação. Numa análise das condições estruturais das famílias em questão, mais diretamente ligadas à escola e aos docentes participantes da pesquisa, ambos participantes de polos dominados em campos diferentes, pode-se acreditar que são agentes aproximados, por homologias estruturais dos subcampos a que pertencem.

Do ponto de vista dessas famílias, qual a visão da escola, então? A instituição escolar como capaz de instituir verdadeiras fronteiras sociais, por condições de vida e por conteúdos e organização (BOURDIEU, 1996), estabelece também as posições no campo. A posição dos professores e a posição das famílias, por uso no sistema escolar de uma categoria que Bourdieu chama de “ato de ordenação” (BOURDIEU,

1996, p. 38) como também “efeito de destino” (BOURDIEU, 1996, p. 46), parece tornar-se concorrentes. No caso em estudo e nas informações atuais do setor observado, já não parecem estar em conflito de posições, porque ambos compartilham de posições dominadas, e de crenças que transfiguram magicamente essa dominação. As afinidades e as possibilidades de aproximação e mútuo apoio vão depender, então, dessa posição no campo.

3.4 A luta dos pólos: desejo de possibilidades mais seguras ou desejo de conservação?

Quando se fala de luta de polos, fala-se das lágrimas dos professores (figuras 3, 14 e 17), do seu isolamento na estrutura (figuras 1 e 17), de sua exasperação para fazer um trabalho bom, como um super-herói (figura 9) ocupante de um polo dominado e, em contrapartida, o abandono, o desânimo, a perda da alegria (figura 4), a sua desvalorização pelo polo dominante (lágrimas da figura 17), que nas expressões e desenhos têm a ver com os dirigentes dos sistemas de educação.

No campo educacional, como em todos os campos, essas posições e as lutas advindas delas dependem dos interesses de cada polo em conflito. São forças coletivas de ambos os lados, que se opõem na grande maioria das relações específicas do campo educacional, a começar pela discussão e implantação das políticas educacionais, pelas condições de trabalho oferecidas, pelo reconhecimento dos esforços (inclusive em público), pelos retornos materiais e simbólicos, pela distância entre política educacional e a realidade escolar, mas também por melhores salários, como retorno econômico, não do ponto de vista de sua primazia frente a outros retornos simbólicos, mas por aspectos relacionados à sobrevivência e pela existência de uma relação, ainda que não linear, entre remuneração e desempenho profissional (GATTI, 2000).

No entanto, “a tensão entre as posições, constitutiva da estrutura do campo, é também o que determina a sua mudança, através de lutas a propósito de alvos que são eles próprios produzidos por essa luta” (BOURDIEU, 1996, p. 65). As expressões das lágrimas, palavras desanimadoras, rostos tristes, isolamentos, citadas logo acima, são expressões dessa tensão e insatisfação. É verificado nessas expressões que os docentes buscam possibilidades mais seguras, valorização de seu trabalho enquanto ocupante de um campo onde o funcionamento e resultado

estão determinados por seu sucesso. Da mesma forma, ainda que não verídica na visão dos docentes, o insucesso é também atribuído como sua responsabilidade. E, para seu sofrimento e dor, sentem-se desvalorizados, abandonados e mal-tratados. Enquanto os docentes lutam por mais segurança e prestígio, os dirigentes articulam estratégias de conservação dentro do campo, usando nitidamente de violência simbólica junto ao polo dominado.

3.5 A trajetória da profissão docente: existe uma série de posições ocupadas pelos professores no campo?

Esta análise pretende relacionar as diversas expressões da profissão docente como percurso e caminhada (figuras 2, 4, 5, 6, 7 e 13). Há uma permanente referência a esta imagem nas gravuras. No entanto, as diversas referências não fazem necessariamente alusão a ocupações diversas durante a trajetória da atividade e profissão docente, mas ao percurso, à história e vida na profissão, com suas dores e alegrias (figuras 3, 13, 14 e 17). Segundo Bourdieu (1996), a trajetória descreve uma série de posições sucessivas ocupadas pelo mesmo agente social em estados sucessivos no campo.

No entanto, nas gravuras, os professores falam muito mais de início, meio e fim do percurso profissional. Há uma acentuação dos percursos fáceis e difíceis (figura 2), da existência ou da perda desse caminho (figura 4), ou de um curso livre natural com objetivos previstos, um fim certo com glórias e sucessos (figura 5). Outras situações demonstradas decifram apenas 'caminhos' ou 'caminhadas' (figura 6, 7 e 13), portadores de momentos, não cronologicamente citados, como um relato autobiográfico, mas como situações e condições, talvez fases existentes no percurso da profissão. Para ilustrar esse decorrer, Fonseca (1997, p. 206) faz referência ao modelo de esquema utilizado por Huberman numa análise do ciclo de vida profissional do professor, nos seguintes termos:

O esquema pode ser resumido da seguinte forma: a entrada, o tateamento; a estabilização, a consolidação de um repertório pedagógico; a diversificação e o ativismo; o questionamento; a fase de serenidade, o distanciamento afetivo; e, por último, a fase do desinvestimento – sereno ou amargo.

As gravuras dos professores não chegam a traçar esse ciclo, mas apontam nos relatos para essa noção quando caracterizam a profissão como "caminho". Não

parece haver, na descrição dos professores, uma descrição de sucessivas posições dentro do campo social (no caso, no campo educacional), como se o espaço dos possíveis não existisse para uma profissão dominada, no qual entraram e continuam, sem reconhecimentos, principalmente no que se refere a uma hierarquia de posições alcançadas em sua trajetória. Por uma alquimia simbólica, a trajetória desenhada pelos professores não apresenta muitos sinais de possibilidade de deslocamentos de posições, numa certa ausência de desejo por se galgar posições, de postos mais ou menos privilegiados dentro da profissão. Excetuando o desenho de uma escada na figura 03, os professores revelam resignação, atestam reconhecimento da dívida, que transfigura a relação de dominação em dívida (BOURDIEU, 1996). Eles esperam gestos de valoração do profissional por parte do polo dominante do campo, sem retornos concretos que possam sugerir mudanças de posição.

3.6 Ocupantes do campo: posição compartilhada ou perda das afinidades?

As afinidades demonstradas em suas trajetórias deixam transparecer que os desenhos dos professores envolvidos estão muito relacionados em seus conteúdos e em suas visões, dada a referência a itens muito comuns para relatar o que pensam da profissão que exercem. A expressão utilizada “do caminho” (figuras 2, 4, 5, 6, 7 e 13), a referência a situações ligadas ao plantio e colheita, e, por consequência, o uso de metáforas da jardinagem (figuras 3, 5, 6, 7, 10, 13 e 15), a acentuação de relações com práticas domésticas, família, e, por conseguinte, referência a marcas femininas nas práticas, maternidade, afetividade etc. (figuras 10, 11, 12, 15 e 16) são determinantes de uma visão compartilhada dos agentes no campo.

Entre outras evidências, desse ponto de vista formado no seu *habitus*, que apresentam visões comuns, leva a não considerar a existência de oposições entre os agentes do subcampo do professorado – a que nos referimos anteriormente –, mas a total semelhança de gostos, de atitudes, de jeitos de ver a profissão. Seria difícil não chegar a essa observação, considerando que os professores marcam bem sua posição no campo, como polo dominado. Seu *habitus* opera como elemento que aproxima e que gera afinidades nos agentes, unificando seus estilos de vida. Em outras palavras, “o *habitus* é esse princípio gerador e unificador que retraduz as

características intrínsecas e relacionais de uma posição em um estilo de vida unívoco, em um conjunto unívoco de escolhas de pessoas, de bens, de práticas” (BOURDIEU, 1996, p. 21-22).

Neste sentido, as semelhanças de categorias, elementos, objetos, marcas e traços nas gravuras são veículos de expressão de um *habitus*, de suas disposições compartilhadas, próprias dos professores, porque estão em seu campo como constitutivas de sua posição, são seus signos distintivos, determinados por pertencerem aos mesmos jogos simbólicos da profissão. Entretanto, a expressão do isolamento e da divisão (figuras 1, 8, 11 e 17), do distanciamento da ideia de coletivo e de grupo (figuras 1 e 17) é, também, denunciadora de uma ligeira perda de afinidades, de uma ausência de aderência ao *habitus* do campo e de uma clareza da necessidade de luta dos agentes para a construção do campo, “na cooperação e no conflito”. Qual o significado, então, de uma prática de isolamento, ou busca de atitudes individuais num campo onde, independente de sua posição, o agente compartilha das disposições e visões, mas nega sua presença no campo e, é claro, sua cooperação nas possibilidades de mudança? Desta forma, é fundamental concluir, que a proximidade no espaço não significa a construção de unidade.

3.7 O familiar e o feminino no desprestígio da profissão: sentindo o olhar do polo dominante

O uso de referências nas gravuras dos professores voltadas para a sinalização de práticas domésticas, de relações da casa com a escola, de expressões de maternidade, amabilidade e afetividade, explícitas ou não (figuras 10, 11, 12, 15 e 16), ou de sentimentos de proteção, cuidados, força (figura 9) são expressões que trazem de volta a posição histórica da profissão docente como um campo do feminino, um fenômeno que se acentuou nitidamente na virada do século XIX, e que instalou algumas dificuldades na imagem masculina e feminina da profissão (NÓVOA, 1994). São traços referidos à profissão que espelham as qualidades e valores do feminino, tanto como setor dominado e desprestigiado, dotado de fragilidades e submissão, como revelador de capacidades e habilidades domésticas, no trato com as pessoas, com a casa, com os objetos, especialmente na relação casa-escola (figuras 12, 15 e 16).

A imagem feminina, seguindo os traços históricos de negação da questão do gênero, longe de trazer elementos de valorização terminam por denotar a ideia de fraqueza e de submissão, uma profissão que sugere qualidades maternas, de prendas do lar, e que mantém ou reafirma a posição no campo. Daí, uma relação não casual, que possibilita, via transfiguração do papel do professorado num papel de gestão do doméstico e de incorporação de disposições do habitus das mulheres, a 'natural' dominação e desprestígio da profissão (PEREIRA, 2001). Dominação porque transfere para a profissão essas marcas de inferioridade, docilidade e aceitação, atribuídas ao feminino; desprestígio porque, além de assegurar-lhe certa dedicação incondicional, por sua capacidade de 'morrer por' (essa libido profissional), como uma mãe é capaz de morrer por seus filhos. Resguarda o que é próprio de uma profissão do simbólico: a capacidade de fazer tudo, desinteressadamente, numa total recusa do econômico por parte de agentes despossuídos.

Na mesma linha de reflexão, talvez possa se afirmar igualmente que as gravuras relatando gestos ligados à agricultura, ao plantio (figuras 3, 5, 6, 7, 10, 13 e 15), numa verdadeira 'metáfora da jardinagem', com certezas acentuadas pelos professores para dar a tonalidade de profissão nobre, de grande importância, apresentem muito mais sinais distintivos de uma atividade designada pela despossessão e humildade, uma profissão da resignação, da recusa de retornos econômicos, disposições constitutivas do feminino, da família.

3.8 Os elementos da perda da aderência ao jogo

Finalmente, os elementos que ora se apresentam têm a ver com uma perda de aderência ao significado, ao sentido da profissão por parte dos professores, por conta de condições e situações capazes de lhes causar estranheza e desestímulo. São situações de imprecisão do que se quer e do que se pensa sobre a profissão (figuras 3, 8 e 11), de desânimo, incertezas, obscuridade (figura 4), de isolamento e de dor na profissão (figuras 1 e 17). As gravuras fazem referências ao que está posto na profissão, que faz o professor permanecer nela ou pensar em abandoná-la.

Essa referência é, junto aos outros aspectos citados, a noção que se segue nesta pesquisa. O que mantém o professor preso ao jogo, preso pelo jogo? O que faz o professor acreditar que vale a pena? De outra forma, o que faz os

professores perderem o sentido do jogo e, inclusive, caírem em práticas altamente cínicas e utilitaristas no envolvimento do jogo e buscarem unicamente lucros materiais, ou manterem-se indiferentes e desmotivados no jogo? Essas perguntas remetem ao que, inicialmente, se lança como objeto desta pesquisa.

Diante da visão exposta pelos professores em todos os elementos citados e da visão de sua posição no campo, surgem situações diversas imbricadas neste jogo, para demonstrar que, numa posição dominada e desprestigiada, os riscos da indiferença e da perda do sentido do jogo são quase tocáveis, e pode ter um percurso progressivo e involuntário, por força dos jogos simbólicos que o determinam. É preciso acentuar que não existe, neste ponto de vista, uma análise emancipatória ou condenadora. Os professores não revelam satisfação nessa situação, pelo contrário, revelam insatisfação pelo limite alcançado por força de circunstâncias diversas.

Numa trajetória linear e de poucos retornos, existe uma evolução (figura 4) que se acentua, levando o agente a sentir desejo de abandonar o campo e a posição que ocupa. São condutas consequentes de um agente despossuído e que não encontra mais o sentido do jogo, e, desta forma, se não busca lucros simbólicos, parte para a busca de lucros econômicos e materiais, permanecendo numa profissão para com a qual tem indiferença, não encontra sentido. Buscar sentido e buscar lucro na profissão é, de fato, a meta para quem está no jogo, porque não existem atos gratuitos, ou seja, “há uma razão para os agentes fazerem o que fazem” (BOURDIEU, 1996, p. 138), porque o que é gratuito não tem sentido e não busca lucros.

4 NOTAS CONCLUSIVAS

O texto ensaia respostas a questionamentos gerados acerca do sucesso de alguns e o fracasso de tantos, da alegria de uns e da tristeza de outros, do compromisso de poucos e da indiferença de muitos no que denominamos ação docente. Neste sentido, é um instrumento de trabalho a fim de clarear as preocupações e ajudar a apoiar as dificuldades dos professores na profissão, para sua felicidade pessoal e bom desempenho profissional. Este estudo é solidário com os professores (PEREIRA, 2001), porém, pratica uma solidariedade diferente, a da desmistificação proporcionada pelo entendimento. Preenche a necessidade de

trazer para nossa compreensão as condições materiais e simbólicas dos professores, as diversas formas de dominação impostas sobre o professorado, os sentimentos que compartilham em participar de uma profissão com tais características, as expressões de falta de reconhecimento de seus esforços e de espaços para construir sua profissão e sua prática pedagógica.

O desvelamento da visão compartilhada dos professores é uma oportunidade de reconstruir relações, de redirecionar práticas de ação junto ao universo docente, de redefinir posições, de rever formas e referenciais de pensamento no campo educacional. O exercício da profissão docente está marcado pelas características dos bens simbólicos, onde o preço é implícito, o econômico é recusado, e não se expressa em claras atitudes de trocas abertas e com imediato desejo de retribuição. Praticar atos que vislumbrem trocas econômicas, na vivência da profissão, é ser cínico e utilitarista como professor. É não ter o sentido do jogo e, portanto, não faz sentido permanecer na profissão. A pesquisa não revela situações deste tipo, mas abre a questão para ser discutida. É preciso pensar até onde se pode dizer que há professores que, não tendo o sentido do jogo, vivem a profissão apenas com intenção utilitarista, gerando desprazer e dor pessoal e transferindo essa característica como própria dos agentes do magistério, ou passando suas vidas sofrendo numa profissão onde não encontram sentido e nem lucro.

Talvez esta pesquisa tenha sido, então, muito mais uma necessidade de trazer para a compreensão as condições materiais e simbólicas dos professores, as diversas formas de dominação impostas sobre o professorado, os sentimentos que compartilham em participar de uma profissão com tais características, as expressões de falta de reconhecimento de seus esforços e de espaços para construir sua profissão e sua prática pedagógica. Fica da mesma forma a necessidade de questionar e deixar-se questionar pela pesquisa, quanto aos pontos de vista sobre a profissão docente.

Talvez a análise do material empírico tenha traduzido uma forte tendência à fatalidade de dominação da profissão docente. Como se houvesse uma pressão determinística da leitura das informações. Mas não creio que fique essa impressão. Na verdade, a aplicação dos conceitos de Bourdieu, na realidade pesquisada, e o uso de outros referenciais de pesquisadores do tema revelam apenas uma feição

real e compartilhada da profissão docente e suas homologias com outras realidades tão fecundas em situações de dominação, quanto em outras.

Essa visão compartilhada dos professores e assumida por conta da pesquisa é uma oportunidade ímpar de reconstruir relações, de redirecionar práticas de ação junto ao universo docente, de redefinir posições, de rever formas e referenciais de pensamento. É uma oportunidade de aprender que não se pode dizer o que sejam as alegrias e as dores da profissão, nem afirmar por antecipação que sua adesão incondicional ou sua indiferença têm a ver com suas competências e desejos, mas que se faz necessário buscar, através da ciência, explicações para esses problemas e outros correlatos.

CLOTENIR DAMASCENO RABELO

Doutorando em Educação no Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Coordenador Pedagógico da Secretaria Municipal de Icapuí (Ceará).

REFERÊNCIAS

ARROYO, M. **Ofício de Mestre: imagens e auto-imagens**. 2ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

BOURDIEU, P. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

BUENO, B. O; CATANI, D. B., SOUSA, C. P. de S. (Orgs.). **A vida e o ofício dos professores: formação contínua, autobiografia e pesquisa em colaboração**. São Paulo: Escrituras, 1998.

FONSECA, S. G. **Ser professor no Brasil: história oral de vida**. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

GATTI, B. Carreiras e Salários: profissão não atraente. IN: GATTI, B. **Formação de Professores e Carreira: problemas e movimentos de renovação**. 2ª. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2000 (Coleção Formação de professores).

GIL VILLA, F. **Crise do professorado: uma análise crítica**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

MACHADO, N. J. **Educação: projetos e valores**. 2. ed. São Paulo: Escrituras, 2000 (Coleção ensaios transversais).

NACARATO, A. M., VARANI, A.; CARVALHO, V. de. O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores, e trabalho invisível... abrindo cortinas. In GERALDI, C. M. G, FIORENTINI, Dom, PEREIRA, E. M. de A. (Orgs.). **Cartografias do Trabalho Docente**: professor (a) – pesquisador (a). Campinas, SP: Mercado das Letras, 1998, p.73-104 (Coleção leituras no Brasil).

NÓVOA. A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão Professor**. 2^a. ed. Lisboa: Dom Quixote, 1994, p.13-34.

PEREIRA. G. R. de M. **Servidão ambígua**: valores e condições do magistério. São Paulo: Escrituras, 2001(a) (Coleção Temas Transversais).

PERRENOUD. P. et. Al (Orgs.). **Formando professores profissionais**: Quais estratégias? Quais competências? 2. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2001.

PERRENOUD. P. **Práticas pedagógicas, profissão docente e formação**: perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

VILLELA. R. A. T. Estar professora - Ser professora: identidade profissional de professoras primárias. In **Anais eletrônicos**. 23^a Reunião da ANPEd. Disponível em: <<http://www.anped.org.br/1408t.htm>> Acessado em 20 de Outubro de 2001.